

## **A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO EDUCADOR CRISTÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA PARÁBOLA DO SEMEADOR**

*Gabriele Greggersen\**

### **RESUMO**

Qual a aplicabilidade da parábola do semeador à educação cristã e seus dilemas nos dias de hoje? Neste artigo, tecemos algumas considerações relativas à prática do educador cristão, mais especificamente aquele voltado para o ensino superior. Após o esclarecimento de certos conceitos essenciais para a compreensão dos princípios norteadores da educação cristã, estaremos comparando os princípios identificados na parábola do semeador narrada por Jesus, de acordo com os relatos bíblicos, com outros trechos da Bíblia que os corroboram. Além de oferecermos princípios norteadores da prática pedagógica, convidamos o leitor, a modo de conclusão, a desenvolver o hábito de reflexão sobre a sua prática, a partir da leitura e aplicação de textos bíblicos tão ricos quanto este à educação.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Educação cristã, parábola do semeador, seminário, princípios norteadores, perspectiva cristã.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo baseia-se em reflexões tecidas durante as aulas de filosofia e didática com mestrandos em Teologia do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPPGAJ). Como motivador inicial, propusemos a leitura da narrativa da parábola do semeador, que se encontra registrada nos Evangelhos (Mt 13.1-9, Mc 4.1-9 ou Lc 8.4-8). Não pretendemos

---

\* *Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, editora responsável pela Revista Fides Reformata et Semper Reformanda Est e docente da Graduação e Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie.*

aqui apresentar nenhuma exegese exaustiva de qualquer um dos textos bíblicos estudados, tampouco fazer um estudo hermenêutico profundo, mas somente, a partir do texto, tecer algumas considerações e analogias em relação à figura do educador cristão.

Também não estamos interessados em fazer apologia da Bíblia enquanto base última do pensamento cristão, embora nós a estejamos adotando aqui como referencial básico. Nossa preocupação central não igualmente é a de estabelecer distinções teológicas, pedagógicas, filosóficas ou de qualquer outra natureza. Nosso objetivo é, antes, simplesmente apreciar o texto bíblico, extraindo dele princípios norteadores da prática de ensino. Com isso, pretendemos evidenciar a riqueza desse tipo de estudo analógico para a reflexão e orientação dos profissionais voltados para o campo da educação cristã.

Para tanto, partimos da convicção profunda de que todo bom cristão deve preocupar-se com a educação, pressuposto esse que pretendemos evidenciar biblicamente. E o nosso foco principal estará centrado na relação possível entre essa parábola e os princípios da educação cristã, particularmente a que é ministrada em cursos de ensino superior e nos chamados *seminários*.

Ao final de nossas reflexões, relacionaremos princípios extraídos da parábola e que consideramos norteadores essenciais à educação cristã, com o intuito de incentivar o debate e a reflexão contínua acerca desses temas, com vistas à melhoria da qualidade do ensino superior.

## I. CONCEITOS PRINCIPAIS

Consideramos necessário, antes de mais nada, esclarecer o que vem a ser uma “parábola”. De acordo com um dicionário bíblico, a *parábola* é um tipo de figura de linguagem que envolve:

[...] “pôr coisas lado a lado” e se assemelha à palavra “alegoria”, que por sua derivação significa “dizer as coisas de maneira diferente”. O objeto de ensino por parábolas e alegorias é o mesmo. Visa iluminar o ouvinte, apresentando-lhe ilustrações interessantes, de onde possa concluir por si mesmo a verdade moral ou religiosa. O valor de tal método é duplo. Primeiramente torna muito mais fácil a assimilação da verdade[...]; e, em segundo lugar, a verdade assim aprendida fixa-se com mais facilidade na mente e na memória, pois, ao tirar suas próprias deduções pelas ilustrações, o aprendiz em realidade está ensinando a si mesmo (Douglas, 1962, p. 1.200).

Se analisarmos o próprio registro bíblico, esse conceito é ainda mais aprofundado, por exemplo, pela conotação específica a ele atribuído no evangelho de João e destacando as suas origens e função na cultura judaico-cristã.

Em Jo 10.6, a alegoria sobre os pastores autênticos e falsos é chamada de *paroimia*, que significa por derivação, “algo dito pelo caminho”. Isso é traduzido provavel-

mente pela palavra “parábola”, visto que essas palavras parecem ser sinônimas nessa passagem. Por outro lado, em Jo 16.25 o mesmo vocábulo *paroimia* é traduzido como “figuras”; neste caso o termo parece que é empregado no sentido da Septuaginta, onde traduz a palavra hebraica *māshāl*, que significa uma afirmação difícil de ser compreendida, que exige explicação esclarecedora. Essa tradução com “figuras” é acertada, pois é verdade que em João não existem parábolas, enquanto que Jesus usa muitas descrições “figuradas” ou alegóricas sobre si mesmo [...] (Douglas, 1962, p. 1.203).

De acordo com outro eminente teólogo, Joachim Jeremias, a palavra *parábola* tem um alcance semântico extremamente vasto, podendo ser traduzida por “provérbio”, “metáfora”, “comparação”, etc. Contudo, para Jeremias, estender-se quanto a este tipo de distinção não é de grande utilidade, pois, em última análise, há uma coincidência entre esses termos, que acabam sendo usados quase que como sinônimos ou, pelo menos, conceitos equivalentes, que podem ser reunidos sob o termo genérico de *machal*:

[...] o *machal* abrange todas estas categorias e muita coisa mais, sem nenhuma distinção. O *machal* hebraico e o *mathla* aramaico designavam mesmo no judaísmo pós-bíblico, sem que se possa fazer um quadro esquemático, toda sorte de linguagem figurada: parábola, comparação, alegoria, fábula, provérbio, revelação apocalíptica, dito enigmático, pseudônimo, símbolo, figura de ficção, exemplo (tipo), motivo, argumentação, apologia, objeção, piada. Em correspondência tem a palavra grega *parabolé* no Novo Testamento o sentido tanto de parábola, como de comparação [...] (Jeremias, 1986, p. 13).

Outro estudioso da sabedoria popular e de suas articulações com os princípios cristãos, Luiz Jean Lauand, esclarece melhor a importante função educativa dos *machal* hebraicos, que têm um equivalente praticamente idêntico nos *machal* da cultura árabe. (Lauand, 1997, p. 60 et seq.). Basta consultar uma Bíblia em árabe para o pesquisador dar-se conta da riqueza semântica desta palavra. Para efeito deste artigo, baseamo-nos nesse conceito genérico, amplamente aceito pelos estudiosos do assunto.

Outra palavra importante para as nossas reflexões é *seminário*. O primeiro sentido que encontramos no dicionário diz que “seminário” vem do latim *seminarîu*, que quer dizer “viveiro de plantas novas” (Hollanda Ferreira, p. 1.567). Mas é particularmente no terceiro sentido do mesmo dicionário que se vê a denotação mais praticada entre os teólogos, que é a de “estabelecimento onde recebem instrução os jovens que se destinam à carreira eclesiástica”.

Por outro lado, é interessante considerar ainda outros sentidos, tais como o de: “centro de criação ou produção [...] conjunto de educadores, pessoal e alunos de um seminário [...] congresso científico e cultural [...] grupo de estudos em que se debate a matéria exposta por cada um dos participan-

tes” (idem). Ora, todos esses sentidos nos fazem refletir sobre os rumos que vem tomando a prática de ensino dos educadores cristãos no nível de ensino superior, enfoque deste presente artigo.

E se considerarmos ainda o fato de que a palavra “seminário” nos remete à idéia de *semear*; temos aí já estabelecida a articulação entre a parábola do semeador e o papel do educador, dando-nos a idéia de um *processo ativo*, gerador e multiplicador de *vida*, que demanda, muito além de uma *técnica* e *instrumentos* adequados, o máximo de *cuidado*, *empenho* e *cultivo*. Todo semeador, para fazer um bom trabalho, deverá ser zeloso desde o preparo do terreno até a escolha de onde lançar a sua semente.

Sem pretendermos nos estender a respeito desse outro conceito essencial, é interessante notar, nesse sentido, que a palavra *cultura*, por coincidência ou não, significa precisamente algo gerado a partir do *cultivo de um saber formador da pessoa humana*, ou seja, da *educação*. E, se estamos falando de educação cristã, certamente teremos motivos ainda maiores para fomentar a cultura rumo à ampliação de conhecimentos e à formação do caráter ou da pessoa humana dotada daquelas virtudes, que distinguem o ser humano (cf. Cl 3.12 et seq.).

Todo esse cuidado do bom agricultor ou jardineiro comprometido em semear e fomentar a vida pode, assim, ser comparado ainda àquele de uma mãe amorosa que se dedica aos seus filhos. A analogia entre o papel do professor e o da mãe é certamente a mais conhecida. Desde a maiêutica de Sócrates, muitos pensadores têm se valido dela para dar conta desse conceito tão vasto e multifacetado que é a educação. Para o grande educador Pestalozzi, não bastava ser meramente um “professor”, era necessário ser um educador, ou seja, alguém que se dedica amorosamente à formação e crescimento de outrem com cuidados de mãe. O educador, para além do professor, acumulava ainda o papel de “irmão” ou “da família”. Somente nesse ambiente de cooperação e intimidade familiar tal educador terá o privilégio de colher os melhores frutos:

Assim, como, sob os olhos da mãe, o irmão mais velho e mais capaz mostra agilmente o que sabe a um irmão mais novo e sente-se orgulhoso e contente de fazer o papel da mãe, assim também se alegravam as minhas crianças em ensinar aos outros o que sabiam. Acordava nelas seu sentido de honra, elas mesmas aprendiam duplamente quando falavam de novo o que as outras deveriam repetir. Assim, rapidamente obtive auxiliares e colaboradores entre as próprias crianças [...] Eu mesmo aprendia com eles (Incontri, 1996, p. 157).

Embora Pestalozzi estivesse se referindo aqui a crianças órfãs admitidas no seu instituto, acreditamos que a mesma moral da educação como dedicação amorosa, com vistas à promoção da vida, aplica-se à educação de adultos

e, particularmente, à educação cristã. No entanto, o que os adultos freqüentemente se esquecem de se perguntarem é a respeito das implicações dessa moral para a prática pedagógica. Acreditamos que um estudo aprofundado da parábola do semeador tem muito a contribuir para a resposta a esta questão.

## II. A MORAL DA PARÁBOLA DO SEMEADOR

Para tecer reflexões, a partir do texto bíblico, a respeito do educador e sua prática, é preciso, antes de mais nada, atentar ao texto:

Eis que o semeador saiu a semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram. Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se. Outra caiu entre os espinhos e os espinhos cresceram e a sufocaram. Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto; a cem, a sessenta e a trinta por um. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça (Mt 13.1-9).

Já na introdução, podemos notar uma fórmula de entrada, que nos lembra fortemente a introdução tradicional dos contos de fada, outra modalidade de narrativa, que podemos incluir sob o conceito genérico de *machal*. A fórmula “eis que” significa o mesmo que “certa vez”, “certo dia”, ou seja, “era uma vez”. Essa formulação, anunciando o início de uma narrativa que transcende o espaço-tempo e que vale por sua lição moral, convida-nos a abrir os ouvidos. Já desde o início, ela nos incentiva a prestar atenção, pois logo mais ficaremos sabendo de uma história sempiterna, de valor perenal, ou seja, um verdadeiro clássico. Portanto, todos já estão de sobreaviso. Mais do que a precisão cronológica ou a atualidade, o que importa notar aqui são as lições que podemos aprender com o caso a ser narrado.

Logo no início, ficamos conhecendo o personagem principal e sua ação, que dá idéia de continuidade: “o semeador saiu a semear”. Em primeiro lugar, somos informados de que o semeador *saiu*. Ou seja, ele se arriscou a por os pés para fora do seu lar, para fora do lugar tranquilo e cômodo em que ele se encontrava, e partir para uma ação.

E, mais uma vez, somos confrontados com um aspecto perenal, pois somos informados de que não se trata de uma ação única, mas processual e gradativa: “a semear”. Apesar da impressão que esta fórmula inicial nos dá, de que se trata de uma ação fortuita ou casual, como se o semeador tivesse saído para semear quase que por acaso, nem sequer é preciso mencionar que ele deve ter saído bem preparado e pronto para jogar a sua semente, numa ação contínua e processual, sem cessar.

Para isso, ele teria que ter saído certo do que estava fazendo e bastante motivado, não de forma aleatória, sem rumo certo. Pelo menos um destino

ele certamente tinha em mira: o campo. Portanto, a ação que está em maior destaque aqui é *contínua* ou *gradativa* e *planejada*, ou seja, *intencional* e com *rumo certo*, ainda que não necessariamente sistematizado.

Fazendo uma analogia com o caso do professor, poderíamos até criar paráfrases a esse texto, do tipo: “Eis que o professor saiu, à sua revelia, a despejar conteúdos aleatórios sobre a cabeça dos seus alunos”. Essa certamente seria uma interpretação enganosa e até contrária à moral contida na parábola. Por mais que o semeador tenha de fato espalhado a semente de forma um tanto assistemática, ele certamente estava de olhos bem abertos, tão consciente de onde jogava a sua semente que até calculava com que frutos haveria de contar (“a cem, a sessenta e a trinta por um”, Mt 13.8 e 23). Ele sabia muito bem da variedade de tipos de terreno que iria encontrar pelo caminho e sabia como aproveitar esta heterogeneidade para obter melhores resultados.

Além da falta de rumo e de motivação, um dos grandes problemas que os educadores de hoje têm enfrentado, particularmente no ensino superior, é a massificação e a incapacidade de valorizar as diferenças e de aproveitá-las para a obtenção de resultados cada vez melhores. Esses problemas se devem, sobretudo, a uma “surdez” por parte dos educadores e dos responsáveis pela educação, que perderam a capacidade de simplesmente “ouvir” a realidade que está à sua volta. Nesse sentido, a parábola do semeador nos propõe uma moral riquíssima, muito bem explicitada por outro eminente pensador e educador cristão, João Calvino:

Cristo explica a parábola aos seus discípulos de forma simples e sem uma moral explícita; mas, de acordo com Marcos, ele os está reprovando indiretamente por estar sendo tão tardos na sua capacidade apreensiva, pois todos os que pretendem ser professores de todos não deveriam passar por cima dos outros. A verdade evangélica veiculada aqui é que a doutrina do Evangelho, se espalhada como uma semente, nem sempre será frutífera, pois ela nem sempre cai em um terreno fértil e bem cultivado.<sup>1</sup>

E, mais adiante, Calvino nos lembra de outro detalhe extremamente importante, de que Deus jamais trataria o homem de modo massificado, aleatório ou totalitário, propondo alguma moral impositiva, pois Jesus não falava com pessoas que rejeitavam a fé, mas sim com as que se mostravam interessadas. E ele só explicita a moral da parábola àqueles que deveriam estar com os ouvidos mais abertos do que todos e que estavam mais próximos dele, aos seus discípulos:

---

<sup>1</sup> Calvin, *Commentary on a Harmony of the Evangelists*. Grand Rapids: 1979, 113-114., v. 1. Traduzido pelo autor).

Para que possamos extrair os maiores benefícios dessa advertência, devemos ter em mente que ele não está se referindo àqueles tolos, que abertamente rejeitavam a palavra de Deus, simplesmente descrevendo as pessoas que dão provas de alguma docilidade.<sup>2</sup>

É interessante notar, aqui, o resgate que Calvino faz de um conceito bastante presente na educação medieval. De acordo com Fernandes, a virtude de *docilitas*, muito valorizada na educação da Idade Média, está bastante relacionada a essa atitude de abrir os ouvidos e prestar atenção em algo fora de nós mesmos. Trata-se de uma virtude essencial tanto para o professor quanto para o aluno, pois ela é a condição básica para que a semente caia em terreno fértil, devidamente preparado, e dê frutos:

O conhecimento autêntico pressupõe aquela “vontade de nos enriquecermos, de sairmos de nós mesmos” que Henri-Irenée Marrou associava à virtude da *docilitas*, a humilde exigida pela verdade. “Sair de nós mesmos”, neste caso, significa estar disponíveis a ouvir com atenção o que os documentos históricos têm a nos revelar, que é o contrário de projetar sobre eles idéias ou teorias preestabelecidas. Com efeito, a verdade pode nos enriquecer apenas se a procurarmos, livres de qualquer tipo de censura prévia.<sup>3</sup>

Essa livre disposição para buscar e dar ouvidos à verdade, tão necessária para professores e alunos, particularmente aos que convivem em um meio acadêmico, é uma virtude essencial, inclusive para o pesquisador. Antes de qualquer trabalho acadêmico, é importante que ele conheça bem o campo em que está ingressando e que se esforce ao máximo para estar livre de qualquer viés ou interesse pessoal ou ideológico. Por outro lado, nenhum pesquisador deve tratar o seu tema de modo acríptico ou aleatório, como se pudesse assumir uma posição de neutralidade. É importante que ele explicithe seus pressupostos da forma mais honesta possível, observando ambos os lados da crítica: o de não *deixar passar nada* que seja passível de refutação; e, *ao mesmo tempo*, o de *não deixar nada de fora*, isto é, dar espaço à liberdade de pensamento e Ter abertura para a totalidade do real.<sup>4</sup>

Essa atitude de *docilitas*, ou seja, de mansidão, cuidado e zelo incentivava o semeador a cumprir o seu papel e o compromisso de semear. Com isso ele prova ser um bom profissional, ou seja, uma pessoa que segue a sua voca-

<sup>2</sup> Idem, p. 114.

<sup>3</sup> Raúl C. G. Fernandes, Reflexões sobre o estudo da Idade Média. [on line] Disponível: <http://www.hottopos.com.br/videtur6/raul.htm> [capturado em 28 nov. 2001]

<sup>4</sup> Cf. Pieper, Dois modos de ser crítico, In: Lauand, *Oriente e Ocidente: filosofia e arte*. Trad. Gabriele Greggersen, 1994, p. 40-43.

ção arcando com todos os seus riscos. Trata-se de alguém consciente e disposto a aceitar o fato de que cada tipo de terreno que vier pela frente tem a sua característica própria, mas que nenhum deles deve ser desprezado. O profissional que não desenvolve essa consciência da realidade terá dificuldade de aceitar os terrenos que não lhe sejam convenientes, entrando em um ciclo vicioso de rebeldia, irresponsabilidade, descaso e desesperança. Ele também terá dificuldades extremas de se adaptar a mudanças.

Ao contrário do que pode pensar esse tipo de profissional, a variedade de solos, ou, no caso do educador, de alunos que vêm pela frente não é um obstáculo em si, mas algo que se reverte em benefício se ele souber adaptar-se a essa realidade diversificada. Não se podem, em nome de uma pseudodemocracia ou tolerância colocar todos os alunos no mesmo nível e desprezar as suas diferenças. Uns necessariamente darão mais frutos do que outros. E isso não se pode atribuir, de forma reducionista, ao chamado “currículo oculto” ou “profecias auto-realizadoras”, expressões já tão desgastadas da terminologia pedagógica. As diferenças e desigualdades que encontramos em sala de aula não podem ser atribuídas meramente aos pressupostos e predisposições implícitos na postura do professor em relação ao aluno, ou às desigualdades socioeconômicas e culturais entre os alunos. Também não se podem reduzi-las a diferenças de inteligência, mesmo se considerarmos as concepções mais recentes e ampliadas do que seja isso. Se atentarmos para a realidade das coisas, notaremos que as diferenças estão implícitas no ser humano e na sua história e só podem ser consideradas algum obstáculo se partirmos de uma concepção mecanizada ou massificada do homem, ou se negarmos a própria concepção de natureza humana.

Mas, se partirmos de uma sólida antropologia filosófica – um conceito de natureza humana –, diversificada e única, encararemos as diferenças como naturais e trataremos o aluno como um ser dotado de dignidade e liberdade de ouvir e responder à semente lançada, ou não. Nesse sentido, é interessante resgatar outro termo que já se tornou comum nos meios pedagógicos, o chamado *feed-back*.

Uma vez lançada a semente, é chegada a hora de aguardar a resposta que o solo dará. Nem sempre o *feed-back* será o desejado, como Jesus mesmo costumava formular ao final de suas parábolas “quem tem ouvidos para ouvir, ouça”.<sup>5</sup> Ou seja, nem todos têm “ouvidos para ouvir”. Não é para menos que a importância de desenvolver a capacidade de ouvir é reiterada tantas vezes no Antigo Testamento, não menos do que no Novo Testamento,

<sup>5</sup> Somente no evangelho de Mateus registramos três casos Mt 11.15; 13.9 e 13.43.



pois o que muitos defensores do *feed-back* esquecem é o óbvio: só pode dar retorno aquilo que foi alimentado. Só pode dar resposta quem ouviu. Ou seja, ouvir é condição prévia para responder.

Um dos mencionados trechos bíblicos alerta precisamente para essa relação entre ouvir e responder. No versículo em questão, atribuído ao apóstolo Paulo, somos convidados a não ficar apenas ouvindo, mas também a praticar o que ouvimos (Tg 1.22). A atitude de *docilitas* envolve, assim, tanto a atitude passiva de captar a realidade, quanto de ativamente reagir a ela. Ou seja, trata-se de uma postura comprometida e coerente com determinada *verdade*, que implica uma *ação*.

Jesus mesmo dá o exemplo desse tipo de postura quando começa a esclarecer as lições específicas que essa parábola ensinava, ao contrário do seu costume, que era o de deixar a interpretação e a aplicação a cargo dos seus ouvintes. Transposto ao ensino superior, o texto nos ensina que todos os sujeitos envolvidos no processo devem ser reconhecidos como criaturas únicas, dotadas de livre-arbítrio e de dignidade. Isso exige de nós que atentemos para a realidade, tendo a disposição de correr o risco de investir em solos pouco promissores. Certamente uma postura como essa não é nada fácil de ser desenvolvida e mantida e exige certo esforço intelectual, pois a complexidade do real e das pessoas nele inseridas muitas vezes transcende a nossa compreensão.

Essa mesma complexidade explica por que Jesus privilegiava o ensino por meio de parábolas: pelo preciso fato de que o real é tão diversificado e tão pouco sistematizável para o homem, que Jesus fazia questão de valer-se do conhecimento profundo que tinha da natureza humana e da realidade. Por isso é que ele também era tão claro e direto em seus ensinamentos.<sup>6</sup> O que o movia não era alguma nova moda pedagógica ou moralismo barato e totalitário, mas precisamente o respeito pela dignidade das criaturas de Deus. Sendo ele mesmo Deus, ele as amava como pai. Por isso, procurava orientá-las e educá-las, alertando contra os abusos de liberdade que poderiam cometer. Como no caso do semeador, ele se preocupava em lançar a semente em todo o tipo de solo, não importa quão rochoso. Por outro lado, também não chegava a ponto de obrigar os solos infrutíferos a “engolir” a semente.

Para maior clareza acerca dessa postura pedagógica que Jesus evidenciava, podemos lembrar da seguinte advertência que se encontra no livro de Eclesiastes e que aponta para a mesma atitude de *docilitas*:

<sup>6</sup> Veja, por exemplo, Mt 23.27, quando Jesus responde da maneira mais clara possível contra a religiosidade hipócrita que imperava entre os fariseus da época.

Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás. Reparte com sete e ainda com oito, porque não sabes que mal sobrevirá à terra. Estando as nuvens cheias, derramam aguaceiro sobre a terra; caindo a árvore para o sul ou para o norte, no lugar em que cair, aí ficará. Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará. Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas. Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas. Doce é a luz, e agradável aos olhos, ver o sol. Ainda que o homem viva muitos anos, regozije-se em todos eles; contudo, deve lembrar-se de que há dias de trevas, porque serão muitos. Tudo quanto sucede é vaidade (Ec 11.1-8).

Essa disposição de quem sai a semear, até mesmo no mar, e que está disposto a “dividir” o seu conhecimento enquanto é tempo, sabendo muito bem do risco envolvido nesse seu empreendimento e de como obter os melhores resultados, é a melhor atitude que um educador pode adotar. Pois, em última instância, no campo educacional, por mais bem preparados que possamos estar, nunca saberemos *exatamente* onde estamos pisando.

O referido trecho do Antigo Testamento nos faz lembrar, ainda, da limitação da sabedoria humana e, portanto, do seu saber, consciência essa que falta a muitos docentes universitários que se fiam no seu saber. Nesse sentido, é importante notar, ainda, que, apesar do sofrimento que a consciência da ignorância e dos mistérios que a realidade nos reserva, parece haver um princípio maior por trás desse aparente caos.

Se atentamos para a realidade com atitude de *docilitas*, aprenderemos a colher muito mais frutos bons do que fracassos. Para além das dificuldades e riscos, a realidade nos reserva surpresas que nos motivam e retroalimentam. Todos concordam que a grande vantagem do educador é a gratificação que sente ao vislumbrar o fruto que poderá ser gerado. Como já dizia outro grande educador cristão, São Tomás de Aquino, para formar o ser humano completo não basta desenvolver as virtudes cardeais da ética clássica, quais sejam, a justiça, a fortaleza, a temperança e a sabedoria. É preciso complementá-las com a dimensão transcendente, com as chamadas *virtudes teológicas*, cunhadas por e resgatadas por C. S. Lewis (1997, p. 152), quais sejam, a fé, a esperança, sendo o amor a maior de todas.

Essas mesmas virtudes fornecem sólidas diretrizes para orientar o educador em um mundo dominado pelo ceticismo, pela descrença, pela insegurança e pela ignorância. Por paradoxal que possa parecer, somente quando nos damos conta dos nossos próprios vícios e limitações é que passamos a resgatar a fé na vida e nos motivamos a buscar a superação. Enquanto achamos que vencer os obstáculos é uma questão de tempo, fechamos os ouvidos para a

nossa vocação de sair de nós mesmos e adiamos o nosso dever de semear. Quando nos conscientizamos de que somos imperfeitos e incompletos, carentes de realização verdadeira, partimos para uma prática essencial fundada na realidade. E, no caso da educação cristã, temos um sólido paradigma, que é Jesus mesmo, o *logos* Criador e Perfeito, sem o qual a nossa ação pedagógica não passará de vaidade, como se diz no texto supracitado. O apóstolo Paulo reitera a importância desse fundamento de maneira contundente:

Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica. Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo. Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo (1 Co 3.10-15).

Partindo, assim, de analogias entre a parábola do semeador e o papel do educador, passamos, a seguir, à análise de uma seleção de trechos frequentemente citados por docentes universitários, no contexto das aulas de didática, que reiteram os princípios básicos do *cuidado amoroso*, do *ouvir*, da *crítica honesta* e do *dociliter*, todos eles sintetizados na pessoa de Cristo e que discutimos acima.

São inúmeros certamente os trechos bíblicos que reforçam esses princípios básicos da educação, tais como Jo 15.1ss., em que Jesus faz uma analogia à videira e seus ramos para elucidar a natureza do seu vínculo com os seus filhos. Nessa comparação, ele nos lembra, ainda, da importância de permanecermos firmemente atados ao tronco da videira, ou seja, que nos adaptemos a ele com *dociliter*, para que possamos produzir frutos e não sejamos lançados fora.

Trechos como esses nos convidam não só à reflexão teórica e desinteressada, mas a uma mudança de *postura* diante da realidade das coisas e, conseqüentemente, de *prática* pedagógica. Eles nos convidam à transformação do campo do ensino teológico, que, como tantos outros campos do ensino, está passando atualmente por uma séria crise.

No campo da didática, essa crise é frequentemente associada à massificação e fragmentação do conhecimento, ao excessivo academicismo e à carência de uma linguagem comum. Existe uma forte queixa contra a falta de grandes nortes, capazes de gerar uma base de linguagem comum. Apresentaremos, a seguir, alguns trechos da Bíblia, que consideramos essenciais

para a reconstrução dessa linguagem no campo da educação propriamente cristã, que não se conforma com dilemas do presente século, mas que se transforma pela renovação do modo de pensar (cf. Rm 12.2).

### **III. TRECHOS BÍBLICOS NORTEADORES DA PRÁTICA DO EDUCADOR CRISTÃO**

Uma vez destacada a base última que orienta a moral do educador cristão (ou, se quiser, a primeira), que é Jesus e sua postura pedagógica revelada no trecho-base da parábola do semeador, forneceremos, a seguir, a título de reflexão, alguns motivos norteadores de uma prática pedagógica pautada pela Bíblia.

#### **III.1 ENFOQUE NA VERDADEIRA REALIDADE**

Como dizíamos, a postura generalizada das pessoas em relação à educação hoje é a de descrença fundamental. O ceticismo é tão grande que a própria existência da realidade é posta em dúvida. Ao que tudo indica, há uma espécie de “virtualismo” básico na visão de mundo do homem pós-moderno. Esse tipo de visão de mundo não é exclusivo dos tempos de hoje. A preocupação com a verdadeira realidade era muito forte entre os discípulos, nos tempos de Jesus:

E enviaram-lhe discípulos, juntamente com os herodianos, para dizer-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens (Mt 22.16).

Nesse trecho, os discípulos mostram-se cansados de tanta hipocrisia e abuso da ingenuidade popular que imperavam no campo religioso de sua época. Em outro trecho, Jesus promete que haveremos de conhecer a verdade e que ela nos conduzirá à liberdade (cf. Jo 8.32). Por mais cética que uma pessoa seja, a busca da verdade será sempre algo intrinsecamente humano, pois a verdade é algo, em princípio, desejável. Ninguém gosta de ser ludibriado. É preciso partir de alguma verdade última ou alguma realidade objetiva para se formularem raciocínios e argumentos que façam sentido. Se não, se a realidade tiver um substituto virtual e for negada, recaímos no completo absurdo (*non-sense*) e vazio de propósitos ou niilismo.

Todo e qualquer educador concordará que a falta de propósitos inviabiliza qualquer educação e que uma pedagogia niilista seria uma aberração, como testificam os inúmeros livros dedicados aos *fins*, *objetivos* e *metas educacionais*. Se não há realidade, se o mundo é absurdo, a educação perde o sentido, especialmente uma educação que se queira cristã, como bem ob-

serva Wilson. De acordo com ele, uma educação cristã ou funda-se na verdade, por mais dura que ela seja, ou é absurda. E, se partirmos de uma realidade decaída, ela também será uma educação, por princípio, reconstrutora da realidade, transformando a limitação humana em meio para cumprir os planos de Deus:

Uma educação cristã, disposta a cumprir com o seu propósito almejado, não deve encarar a queda de Adão como algum obstáculo incidental que esteja obstruindo o caminho do verdadeiro aprendizado. O que precisamos reconhecer é que uma educação, por mais divina que seja, é sempre realizada por seres humanos pecaminosos, e que o maior objetivo dessa educação é o de “consertar o que foi destruído”. Isso não quer dizer que esse reparo acontecerá exclusivamente com base nos nossos esforços educacionais. Só Deus pode reconstruir ruínas.<sup>7</sup>

Esse e outros eminentes pensadores, cristãos ou não, concordam que a história do cristianismo, assim pautada pela verdade, apesar de seus percalços, ainda é a história do resgate e da luta pela dignidade, pela sobrevivência<sup>8</sup> e pela reconstrução do sentido da vida humana.

Por aí podemos ver a riqueza da Bíblia, para dar respostas a problemas objetivos, que transcendem a educação cristã, passando a dizer respeito a toda a humanidade. Citaremos somente mais dois outros trechos, bastante conhecidos nos meios cristãos, formulados nas palavras de Jesus, que apontam para a esperança e libertação que nos proporciona a busca da verdade: “e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8.32) e “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, se não por mim” (Jo 14.6). É mister observar que o segundo foi dado em resposta à incredulidade de São Tomé, atitude tão comum nas pessoas nos dias de hoje.

### III.II CRÍTICA HONESTA

Há um princípio muito importante para o educador cristão que também consideramos digno de resgate. Trata-se do exercício do senso crítico sincero e equilibrado, proveniente de uma investigação honesta da realidade. São inúmeros os trechos da Bíblia que falam da importância dessa busca inquisitiva e zelosa pela verdade. Ao contrário do que nos fazem crer certos “cientistas”, a capacidade de questionamento honesto não se deve a alguma atitude cética, que busca a destruição de falsas aparências e opiniões alheias, mas

<sup>7</sup> Douglas Wilson, *Recovering the Lost Tools of Learning*, Wheaton: Crossway Books, 1991, p. 74. (Traduzido pelo autor).

<sup>8</sup> A luta pela sobrevivência da espécie humana é precisamente o que norteia a obra de Lewis, *The Abolition of Man*, que serviu de ponto de partida para o autor supracitado (cf. Lewis, 1955).

ela se desenvolve graças à existência da verdade. A crítica, assim entendida, não é nenhum sinal de fraqueza de fé, desde que se expresse por uma busca honesta e com a plena confiança de que as respostas, por mais longe que possam estar da nossa compreensão limitada, *existem*. Ou seja, a diferença está na *fé* que temos no que estamos fazendo. O mais cético de todos os cientistas concordaria que o pesquisador que não tem fé de que possa encontrar respostas dificilmente alcançará sucesso nas suas investigações, pois a busca honesta tem muito maior chance de ser recompensada. E se a busca for de Deus, a Bíblia nos garante a resposta: “Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração” (Jr 29.13). Ou seja, a crítica honesta não envolve somente o raciocínio lógico, mas até o coração, ou seja, a atitude de empenho amoroso, de *docilitas*. E o fruto prometido em troca desse esforço é a gratificação profissional e auto-realização verdadeira.

### III.III VISÃO COERENTE

Poderíamos citar vários trechos da Bíblia<sup>9</sup> que relatam casos de pessoas com posturas coerentes ou não com uma perspectiva cristã e suas conseqüências. Mas a maior prova dessa qualidade na Bíblia encontra-se no cumprimento das profecias. A própria Bíblia é vista por grande parte dos historiadores como referência documental, como Calvino já indicava na obra supracitada ao analisar os quatro evangelhos lado a lado.<sup>10</sup>

Outro forte indício dessa coerência encontra-se na já mencionada concretude histórica da figura de Cristo, que não é nenhuma entidade meramente abstrata, mas um ser humano que viveu e morreu no tempo e no espaço e que, de acordo com os relatos bíblicos, venceu a morte, já que ele é, ao mesmo tempo, Deus. A concretude da encarnação, da morte e da ressurreição é indício vivo do cuidado amoroso de Deus para com a sua criatura ao fornecer-lhe o caminho e grandes referenciais norteadores para trilhá-lo em busca de uma compreensão mais ampla da realidade, vista pela perspectiva cristã e de suas implicações.

### III.IV PRIORIDADES CERTAS

A Bíblia convida-nos a colocar as coisas mais importantes em primeiro lugar. Jesus sempre foi muito claro com relação a esse princípio, que tem grande destaque no seu Sermão do Monte: “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt

<sup>9</sup> Cf. Lc 4.21; Hb 13.8; Is 45.21; 1 Co 15.17, entre outros.

<sup>10</sup> John Calvin, *Commentary on a Harmony of the Evangelists*, Grand Rapids: 1979, 113- 144, v. 1. (Traduzido pelo autor).

6.33). Ele também esclarece àquele jovem rico que o que vale mais do que todas as riquezas e está acima de toda a lei é o princípio do amor a Deus e ao próximo como a si mesmo.<sup>11</sup>

Daí a importância de os cristãos resistirem a tantos apelos à que estão expostos no cotidiano, procurando aliená-los e desviar sua atenção do que é o propósito mais importante de suas vidas. Essa tentação é particularmente forte nos meios intelectuais. Como podemos ver nesses exemplos, Deus, que conhece o homem mais do que ninguém, procura nos advertir por meio da Bíblia para nos proteger dos incontáveis “substitutos” (*Ersatz*) para o que realmente interessa nesta vida. Por isso é que consideramos a capacidade de manter as prioridades certas um dos maiores desafios na vida do educador de hoje, pois o que prioriza é o que o educador usa como critério para a tomada das suas decisões mais importantes. Entre as conseqüências da falta de prioridades certas, podemos citar a dificuldade de selecionar conteúdos, a indecisão e insegurança diante de grandes dilemas da educação, a incapacidade de planejamento e, principalmente, o medo. Grande parte da crise da educação de hoje pode ser atribuída a essa carência de critérios claros para a distinção entre o urgente e o que pode esperar, além de grandes educadores cristãos, que sirvam de exemplos vivos para eles (cf. 1 Ts 5.21).

### III.V TER BONS MODELOS

O que explica o fato do relato de experiências vivas ser um recurso tão popular dos pregadores e educadores cristãos? Minha suspeita é que eles notaram que as pessoas prestam mais atenção, quando o que está em jogo é a vida. Mesmo em uma parábola como a do semeador, o que está em jogo, em última instância, é o cotidiano, que, na sua aparente futilidade, esconde lições bastante incisivas. Mas infelizmente nem todos se dão conta disso com facilidade, dando prioridade às aulas expositivas e às abstrações.

Não é para menos que toda a educação judaica baseia-se na estrutura familiar e no estabelecimento de modelos de vida, que servem de exemplo a todos, como destaca Paulo no trecho a seguir.

Essa é a razão por que provém da fé, para que seja segundo a graça, a fim de que seja firme a promessa para toda a descendência, não somente ao que está no regime da lei, mas também ao que é da fé que teve Abraão (porque Abraão é pai de todos nós) (Rm 4.16).<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Cf. Mt 2:37-39. Veja ainda Mt 23.26.

<sup>12</sup> Cf. ainda 1 Pe 3.15 e Jo 8.43.

### III.VI VOCAÇÃO, MISSÃO E VISÃO

A importância da missão está em voga atualmente, tanto nas empresas, com o seu discurso em torno do *planejamento estratégico*, quanto nas instituições de ensino, com seu conceito recente de *projeto pedagógico*. Isso se deve à percepção generalizada de que tanto a empresa quanto o profissional só alcançarão sucesso se estiverem perseguindo e se sentirem vocacionados para perseguir determinada missão. Grandes reformadores, como John Knox, João Calvino e Martinho Lutero, frisavam muito esse aspecto na vida cristã. Tanto que acabaram influenciando também o mundo secular, com esta valorização do desenvolvimento de uma visão para o sucesso de qualquer tipo de empreendimento. Os inúmeros trechos que falam em chamado, vocação e missão na Bíblia mostram, em síntese, que a vocação está muito relacionada com a segurança de sentido e propósito na vida. Como se lê em Isaías, quem segue a sua missão recebe uma garantia de Deus, motivador fundamental para a melhor realização possível: “Não temas porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu” (Is 43.1b). Resta-nos uma questão pouco lembrada nos dias de hoje: afinal, qual a missão do educador cristão?

### III.VII BOA CONSCIÊNCIA

A importância do auto-exame e de deixar o Espírito sondar o próprio coração também é bastante frisada na Bíblia. Não é certamente por acaso que educadores provenientes de contextos cristãos, como Paulo Freire, falam tanto em conscientização e libertação. Independentemente dos méritos teológicos desses autores, todo educador há de concordar que a educação, se não é alienadora, envolve um processo de conscientização. A falta de capacidade de refletir sobre a sua prática docente está na raiz do já citado problema da falta de princípios norteadores, da fragmentação, tanto no campo da didática, quanto da ciência em geral (e quem sabe até da teologia).

O apóstolo Paulo chega a afirmar que mesmo as pessoas que nunca usufruíram de uma educação cristã carregam a lei de Deus no *coração*: “Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se” (Rm 2.15). E, como se sabe, o coração era uma metáfora muito usada para a consciência na cultura judaica.

Ou, então, podemos lembrar a história de Jó que, depois de passar por várias fases no seu processo de auto-exame, chega à seguinte conclusão, para além das críticas que estavam recebendo dos colegas: “À minha justiça me apegarei e não a largarei; não me reprova a minha consciência por qualquer dia da minha vida” (Jó 27.6).

O importante a notar, aqui, é que todo o exame de consciência, por mais doloroso que seja, se estiver sintonizado com a boa lei divina, em última ins-



tância, é libertador. Diz-se que a liberdade é algo que todo ser humano busca, mas que ninguém consegue definir muito bem. A Bíblia narra a história de um Deus que foi tão amoroso que optou por conceder o livre-arbítrio à sua criatura, assumindo todos os riscos implicados nisso. Daí que o maior mistério para o homem seja esse amor que Deus demonstra pelo homem, dando-lhe a consciência e o livre-arbítrio. Quanto ao conceito bíblico de liberdade, podemos nos remeter às cartas de Paulo e Timóteo ao seu colaborador Filemon (Fm 1.8ss.), e de Paulo à igreja de Corinto (1 Co 6.12) e aos Romanos (Rm 8.21).

### III.VIII FLEXIBILIDADE MODERADA

Dentre os temas clássicos da didática, podemos citar o do *planejamento*, que envolve também as difíceis questões do projeto *pedagógico*, da *avaliação* e do *currículo*. E o que mais se tem valorizado no debate em torno desses temas é a flexibilidade, necessária em um mundo tão pautado pelas mudanças como o de hoje. Nesse sentido, destaca-se ainda a necessidade de criatividade e abertura para a mudança. Toda mudança, entretanto, gera ameaça e medo diante do novo e do desconhecido. Ou seja, é necessário saber discernir as mudanças realmente necessárias das urgentes; é preciso mudar com moderação. Ora, a Bíblia diz que devemos usar o critério da temperança ou moderação em tudo o que planejamos por nós mesmos:

Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um (Rm 12.3).

Por outro lado, não basta tecer planos. É preciso, para além disso, ter a coragem de arriscar colocá-los em prática: “Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação”. (2 Tm 1.7).

Aplicando isso à sua realidade específica, vivida em uma universidade confessional nos Estados Unidos, o Calvin College, Byker comenta como aprendeu a conviver com a tensão normalmente gerada por práticas pedagógicas, “inovadoras” como a das parábolas, em um ambiente acadêmico:

Eu acredito que a coragem de viver dessa maneira em um ambiente cristão inspire-se na realidade resgatada pela questão radicalmente existencial, logo de entrada no Catecismo de Heidelberg do século XVI, bem como na sua resposta: “qual é o nosso único consolo na vida e na morte?”. A palavra mais radical aqui é “único”. A questão não é “qual é o nosso consolo mais essencial”, ou “qual é o nosso mais importante consolo”, nem mesmo “qual é o nosso último recurso de conforto” [...] Meu único consolo é que eu não pertenço a mim mesmo – mas pertenço, de corpo e alma,

na vida e na morte, ao meu fiel Salvador Jesus Cristo”. Essa questão aparentemente moderna, e sua resposta cristã histórica, mostra que nós temos e necessitamos de um só ponto de referência exclusivo. E graças a esse firme ponto de referência é que estamos livres para vivenciar as parábolas de Jesus, como personagens vivos.<sup>13</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inúmeras outras passagens bíblicas poderiam ser citadas para fundamentar os princípios presentes na parábola do semeador, norteadores da educação cristã. Pautados por uma parábola tão simples como essa, vemos a coerência e riqueza da Bíblia como referencial do educador. Resta-nos, agora, convidar o leitor para aventurar-se em outros ensaios como este. Com isso, estaremos dando mostras de um sincero interesse pela melhoria da educação em geral, e particularmente nos seminários, que certamente também se articulam intimamente com a concepção de educação usualmente adotada pelas igrejas, na família e pelo próprio governo.

Assim, certamente estaremos fazendo alguma diferença nesse campo tão árido e carente de boas sementes, que é o da educação cristã nos dias de hoje. Afinal, é praticamente impossível ignorar o maior norte que temos na Bíblia e que nos é dado pelo nosso próprio mestre:

Amarás pois o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força [...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes (Mt 12.30-31).

Eis aí, ao final dessa nossa análise do texto bíblico, uma bela síntese da postura que devemos adotar, para sermos cada vez melhores semeadores da educação cristã nos mais diversos e difíceis terrenos para os quais Deus tem nos enviado.

## REFERÊNCIAS

- BYKER, Gaylen J. The Embarrassment of Riches. In: WELLS, Ronald A. *Keeping Faith: Embracing the Tensions in Christian Higher Education*, Grand Rapids: Eerdmans, 1996.
- CALVIN, John, *Commentary on a Harmony of the Evangelists*. Grand Rapids: 1979, v. I.

---

<sup>13</sup> Gaylen J. Byker, The Embarrassment of Riches, in: Ronald A. Wells, *Keeping Faith: Embracing the Tensions in Christian Higher Education*, Grand Rapids: Eerdmans, 1996, p. 13. Traduzido pelo autor.

- DOUGLAS, J. D. (Ed. e Org.) *O Novo Dicionário da Bíblia*. SHEDD, R. P. (ed. em português). São Paulo: Vida Nova, 1962.
- FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. Reflexões sobre o estudo da Idade Média [on line]. Disponível: <http://www.hottopos.com.br/videtur6/raul.htm> [capturado em 28 nov. 2001].
- HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- INCONTRI, Dora. *Pestalozzi: educação e ética*. São Paulo: Scipione, 1996.
- JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. Trad. João Rezende Costa. 5 ed. São Paulo: Paulinas, 1986.
- LAUAND, Luiz Jean. O uso da palavra mathal na Bíblia. *Provérbios e educação moral*. São Paulo: Grupo HotTopos, 1997. (Série Acadêmica)
- LEWIS, C. S. *Mero cristianismo*. Trad. Henrique Elfes. São Paulo: Quadrante, 1997.
- \_\_\_\_\_. *The Abolition of Man*. New York: Macmillan, 1955.
- PIEPER, Josef. Dois modos de ser crítico. In: LAUAND, L. J. *Oriente e Ocidente: filosofia e arte*. Trad. Gabriele Greggersen. São Paulo: Centro de Estudos Árabes, 1994.
- WILSON, Douglas. *Recovering the Tost Tools of Learning*. Wheaton: Crossway Books, 1991.

### **ABSTRACT**

Which is the possible applicability of the Parabel of the Sower to Christian Education and its today's dilemmas? In this article, we intend to trace some key ideas, concerning the pedagogical practice of Christian educators, more specifically of those involved in academic environments. After the clarification of certain essential concepts for the understanding of routing principles of the Christian educational area, we will be comparing those principles, identified in the Parable of the Sower that was told by Jesus, as per the biblical report, with other examples from the Bible, which corroborate them. Further more, besides presenting some routing principles for the pedagogical practice, as a conclusion, we are inviting the reader to develop his own reflections about his pedagogical practice, based on the reading and application of biblical texts as rich as this for applications to the educational area.

### **KEYWORDS**

Christian education, parable of the sower, seminary, routing principles, christian view.